

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/99 - ANO III - Nº 27

EDITORIAL

Às portas do novo milênio, a palavra de ordem nas cidades, com visão de futuro, é *Planejamento*. Busca-se, através de seminários, debates e palestras com a população, discutir e traçar diretrizes visando ao crescimento e ao desenvolvimento, no século XXI. Através de planos de ações e metas, com a participação de diferentes segmentos da sociedade, espera-se construir uma cidade com melhor qualidade de vida.

Parada no tempo, sem acompanhar o ritmo das demais cidades valeparaibanas, Piquete estagnou e, em alguns aspectos, retrocedeu, perdendo muito do conquistado em décadas anteriores.

Num mundo conturbado, em que crises se sucedem, é preciso que se busquem alternativas, se quisermos inserir nossa cidade no contexto de modernidade almejado por todos nós. O período difícil que o país atravessa – reflexo de conjunturas mundiais –, com desemprego e falta de capital para investimento, tem impedido o crescimento das cidades. Mais do que nunca, criatividade e dedicação da parte de nossos governantes são necessárias para se gerir o município e se executar obras básicas.

Sabemos que administrar o município não é tarefa fácil. Mas não o é em nenhum outro lugar.

Constata-se que muitas cidades estão se preparando para o próximo milênio. E nós? Esperamos que através de uma ação conjunta, apartidária, entre as diversas lideranças comprometidas com o futuro do município, ocorra um debate democrático, com a participação da população unida numa causa comum: Piquete.

O modelo político-administrativo que até hoje esteve à frente de nossa cidade não foi competente para corresponder aos anseios da população. A política doméstica, de quintal, à qual o município se acostumou, não será suficiente para impulsioná-lo no século XXI. É preciso mudança, e já.

Gerenciamento com coragem, ousadia, eficiência e responsabilidade é o esperado para o próximo século.

Somente através de planejamento estratégico, que vise ao desenvolvimento urbano e rural, em que o meio ambiente, a saúde, a educação, o emprego, a água, o esgoto, o lixo, entre outras necessidades, sejam priorizados, é que conseguiremos inserir Piquete no próximo milênio.



Instantâneo da inauguração da Sede da Fundação Christiano Rosa e do “Espaço Cultural Célia Ap. Rosa”, quando discursava sua Presidente, Ana Maria de Gouvêa.

A FCR inaugura sua Sede e “Espaço Cultural”

Sábado, 27 de março de 1999, às 18h, foi inaugurada a sede da Fundação Christiano Rosa, no local onde, por muitos anos, funcionou a “Capela do Hospital”.

Abrindo a solenidade, a arquiteta Ana Maria de Gouvêa, Presidente da Fundação, agradeceu a todos que honraram com sua presença e têm incentivado seus membros no trabalho que objetiva divulgar e manter viva a memória histórica e a cultura piquetense. “Tal atitude de solidariedade e cidadania nos impulsiona à realização de novos e constantes eventos”, disse ela.

A disposição da IMBEL em ceder, em comodato, o uso do local, para que nele a Fundação instale sua sede é uma comprovação de que quando se trabalha com seriedade, se abrem diante de nós promissoras perspectivas de alianças, em benefício do bem comum.

A FCR está entrando no seu terceiro ano de atividades, tendo conquistado, nesse pequeno espaço de tempo, a condição de uma instituição séria, apolítica e voltada aos objetivos que foram propostos por sua instituidora, Célia Ap. Rosa, que mantém vivos em nós os seus ideais e espírito comunitário, alimentando-nos de forças e energia para a continuação de seu trabalho e amor a esta terra.

Em seu discurso, a Presidente da Fundação salientou que inaugurar a sede da FCR por si só já é uma conquista. Instalá-la na “Capela” significa muito mais. Nesse espaço, com sentimento cristão iremos divulgar os dons divinos da arte, da literatura, da história, da inteligência. Ensinar e cultivar os valores de cidadania e respeito

à memória de nossa cidade. Valorizar e manter latente a obra e o esforço empreendidos por nossos antepassados no sentido de nos legar um mundo melhor. Resgatamos, desta forma, um espaço que tem significado importante para Piquete.

No programa da inauguração, dois eventos foram realizados: a abertura da Exposição Fotográfica “F.P.V. – 90 Anos de História”, que recebeu, em apenas duas semanas, 736 pessoas e o descerramento, pelo Superintendente da F.P.V., Cel. Jorge da Rocha Santos, da placa “Espaço Cultural Célia Ap. Rosa”. Com este ato, Piquete ganha um novo espaço destinado ao desenvolvimento de atividades voltadas aos objetivos da Fundação.

Estiveram presentes ao ato o representante do Prefeito Municipal, Roberto Leal, o Presidente da Câmara Municipal, Prof. João Carlos Leal, o Diretor da IMBEL, Cel. Alfredo Araújo, Diretores de escolas do município, representantes do Rotary Clube de Piquete, da Sociedade Amigos de Piquete (SAP), do Jornal “Cidade Paisagem”, da Sociedade Beneficente do Pessoal da F.P.V., do Centro dos Aposentados, o empresário Zoltan Racz, comerciantes, incentivadores e amigos da Fundação Christiano Rosa.

Não podemos deixar de registrar os agradecimentos à IMBEL e à F.P.V. pelo apoio e confiança depositados na FCR, e a atenção pessoal do Gen. Paiva Chaves, Presidente da IMBEL, que, por duas vezes, visitou a Exposição Fotográfica, numa delas acompanhado por parte da Diretoria da IMBEL.

Imagem - Memória

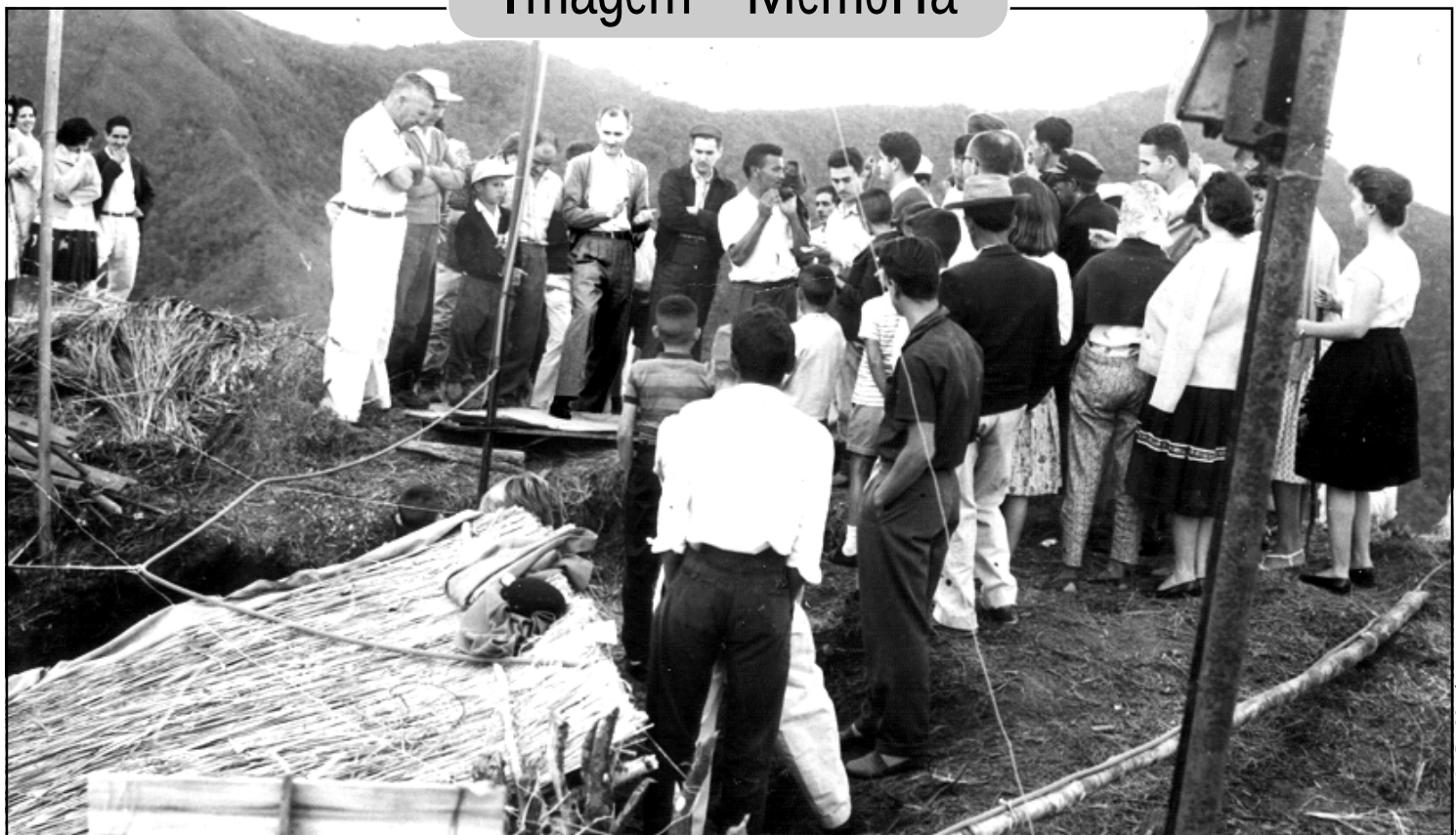


Foto arquivo Pro-Memória

Flagrante da inauguração da Torre de Retransmissão de TV, no Pico do Ataque, em 07-08-1960.

A Inauguração da Torre de TV em Piquete

Revestida de solenidade, deu-se no dia 7 de agosto de 1960, no Pico do Ataque, a mais de 2000m de altitude, a inauguração da torre de TV.

Os atos solenes foram abertos pelo Sr. Christiano A. da Rosa, que convidou o Capitão Willy Antônio Pereira, representante do diretor da FPV, a estourar um champanhe "sobre a aparelhagem". O Cap. Willy, entretanto, passou a honra da solenidade ao Sr. Oswaldo Coelho Nunes, que aquiesceu prazerosamente. Várias pessoas discursaram, aplaudindo o fato auspicioso e enaltecendo aqueles que tanto lutaram em prol da TV, em Piquete.

Desde a inauguração da televisão no Brasil, em 1950, em São Paulo, pela PRF3-TV, futura TV TUPI, a população piquetense passou a sonhar com aquela que se tornaria o maior e mais popular meio de comunicação e entretenimento do mundo.

O pioneirismo para a instalação da TV em nossa cidade coube ao Sr. Oswaldo C. Nunes que, tendo adquirido um aparelho da marca Zenith, em 1959, não podia usufruir

do mesmo. Faltava uma torre de retransmissão que captasse os sinais de São Paulo e do Rio de Janeiro e os enviasse para os aparelhos da cidade.

Em junho de 1959, o jornal "A Cidade" noticiava o desenvolvimento das primeiras experiências com TV, em Piquete e o trabalho dos Srs. Oswaldinho e José Ferreira da Silva (Berné) para a captação e transmissão dos sinais para a população da cidade.

As primeiras recepções foram assistidas por grande público, no "Bar do Armando", em julho desse mesmo ano. Com um misto de curiosidade e grande expectativa, a população que assistiu às primeiras imagens se manifestou favorável à formação de uma comissão para estudar a melhor maneira de se instalar uma torre de retransmissão num ponto mais elevado do município.

A comissão pró-instalação da TV foi constituída pelos Srs. Christiano A. da Rosa, presidente, José Armando de C. Ferreira, secretário, Antônio Brasilino, Diocesano R. da Silva, Fausto de A. Nunes e José Gomes de Siqueira. O presidente de honra foi o Sr. Oswaldo C. Nunes.

Para a instalação dos aparelhos retransmissores, em qualquer ponto do município, era necessário levar até lá energia elétrica. Socorreu-nos a FPV, que se prontificou a ceder da REPI a energia necessária.

Em agosto, a Comissão Pró-TV, vereadores e Prefeito reuniram-se para estudar a possibilidade de se instalar a antena no Pico do Cabrito. Durante todo o ano, o assunto na cidade era a chegada da televisão.

Após o parecer de técnicos, contando com apoio do Cap. Willy e do diretor da REPI, Maj. Nelson, escolheram o Pico do Ataque, pela proximidade da rede elétrica e também por ser mais alto que o do Cabrito.

Logo teve início o preparo do local e a

instalação das antenas e dos retransmissores.

No dia 7 de agosto de 1960, era grande o número de pessoas que foram assistir à inauguração, no Pico do Ataque. Estavam lá, além da comissão oficial, vários da Pró-TV: Berné, Fausto, Carlos Vieira, Guilherme e outros.

Entre os muitos discursos, o da Profª Mariinha Mota sobre a grandiosidade do feito e do idealismo daquele punhado de homens que visavam a uma Piquete melhor. O Prof. José Carlos Ribeiro sugeriu que a Câmara concedesse ao Sr. Oswaldo C. Nunes o título de "Cidadão Honorário Piquetense", pelo seu empenho em prol da TV em nossa cidade. O técnico Antônio Guilherme fez a ligação dos aparelhos.

Ao sabor de um lanche, gentileza do Sr. José Moreira da Silva (Zé do Bar), os presentes assistiram à TV a mais de 2000m de altura. Nesse ambiente cordial, estava inaugurada a retransmissão de TV em Piquete.

Antenas de televisão no Pico do Ataque



Foto arquivo Pro-Memória

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. R. Ramos

Tiragem:

1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

“Seu Oswaldinho”

De onde tudo começou, ele nos relatou sua história. Depois de 28 anos morando na cidade, construiu uma nova sede para a Fazenda Barra Alegre, bem próximo ao local onde ficava a antiga, que foi comprada por seu pai, no início do século. Uma espaçosa casa, com uma magnífica vista de nossa serra, lagos e muito verde.

Em 1918, chegaram a Piquete os Vilela. Em 1919, Sr. José Alencar Vilela Nunes, com quatro de seus filhos estudando em Lorena, no colégio São Joaquim, antevendo um progresso para a região e aproveitando o baixo preço das terras plantadas com café, resolveu deixar Airuoca, em Minas Gerais, e se radicar em Piquete. Comprou, então, a Fazenda Barra Alegre, ampla propriedade que hospedara, em 1902, Euclydes da Cunha.

O caçula do casal, entre nove irmãos, nasceu em Lorena. Seu pai, com medo da carência de recursos em Piquete, à época, decidiu que seria mais seguro comprar uma casa naquela cidade para o nascimento do temporão. Ficava à Rua Verde, nº 3. E assim se fez. Em 2-05-25, nasceu Oswaldo Cruz Coelho Nunes, hoje “Seu Oswaldinho”.

Todos os filhos haviam estudado em regime de internato. Com o caçulinha, porém, não foi desse modo. A mãe, D. Ibrantina Coelho Nunes, e a irmã “Nonoca” exigiram que fossem todos para Lorena, a fim de acompanhar os estudos do garoto.

Foram, então, vários anos de estudo, até que completasse o equivalente, hoje, à oitava série. As vindas a Piquete, no entanto, eram freqüentes, já que o pai mantinha a fazenda e o trabalho aqui.

Em Lorena, conheceu, através de uma sobrinha quase da mesma idade, Zélia, D. Eunice Prado Nunes, com quem se casou a 14-09-44. Dessa união, que começou em uma festa de S. Roque, da qual os dois eram festeiros, para a construção da igreja, resultaram 15 filhos, 34 netos e 7 bisnetos. A cerimônia deu-se em Aparecida do Norte e a lua-de-mel, no Rio de Janeiro. A vida do casal iniciou na antiga Fazenda Barra Alegre, onde moraram por dez anos. Com a



necessidade de estudo dos filhos, mudaram-se para a cidade.

Seu Oswaldinho sempre foi muito ativo em nossa sociedade. Fez parte de muitas entidades, como SAP e Rotary. Foi Diretor Responsável da “Folha Piquetense”, na década de 1970. Teve decisiva participação na vinda da televisão para nossa cidade. Junto com sua esposa, participou da criação dos A.A. (Alcoólatras Anônimos) e N.A. (Neuróticos Anônimos). Chegou a concorrer à Prefeitura de Piquete, motivado por companheiros políticos. Não venceu, porém se orgulha de ter realizado uma campanha política limpa e idealista. Ao final, foi parabenizado por seu concorrente e comemoraram juntos os resultados. Recebeu, em 01-05-60, do jornal “A Cidade”, o título de “Benemérito” e, em junho de 1961, da Prefeitura, o de “Cidadão Honorário Piquetense”.

Um quadro pendurado em seu quarto que descreve as funções de um pai, mostra bem o caráter e a noção de responsabilidade desse homem, hoje realizado, que teve sua vida pautada pela religiosidade e pelo trabalho ao próximo.

Vista da frente da antiga sede da Fazenda Barra Alegre, situada no Bairro do Godoy.



Foto arquivo Pro-Memória

Incursão à Mata da IMBEL

No dia 3-04-99, a equipe que elabora o projeto de criação de um corredor biológico entre a mata da IMBEL e a FLONA de Passa Quatro, sob a coordenação da Fundação Christiano Rosa, esteve, pela primeira vez, efetuando visita à mata da IMBEL. É um fato importante, já que poucas pessoas têm acesso a essa área. Fizemos parte dessa excursão o pesquisador do INPE, Dr. Dalton de Morrison Valeriano, a Dra. Diana Valeriano, a Dra. Janice Wiles, ecóloga da Universidade de Maryland – EUA, o Sr. Richard Wiles, analista de Legislação Ambiental, da EWG – EUA, a srta. Janaína Sant’Ana, estagiária da UNITAU, o Ten. Barreto, chefe dos mateiros, dois mateiros, Sr. Pedro César e Sr. Batista, Sr. Benedito Nogueira, além do diretor executivo da FCR, Dr. Antônio Carlos Chaves, médico, e os representantes da Comissão Técnica de Meio Ambiente, o Dr. José Amoroso Filho, médico veterinário, o Sr. Luiz Flávio Rodrigues e Sr. Laurentino Gonçalves Dias Júnior, analistas de sistemas.

Chamou a atenção dos pesquisadores a biodiversidade da mata.

A flora, muito preservada, é constituída por árvores centenárias, de madeira de lei, com diâmetros de tronco muito grandes. Peroba, cedro, paineiras, entre outras, estão presentes por toda parte. Pode-se considerar a mata como verdadeiro viveiro de bromélias de vários tipos.

A fauna é composta por muitos animais que constam da lista de animais ameaçados de extinção (Red List), feita pelo IBAMA. Foram detectados, sem registro visual, macucos, catetos, onças e quatis. Existem rastros visíveis por toda a extensão da mata visitada, indicando grande número de indivíduos. Outros espécies foram avistadas, como cobras, gaviões e lagartos.

O objetivo primário da visita a essa reserva da IMBEL foi a identificação, se possível com registro fotográfico, das espécies constantes da Red List.

A presença de pesquisadores de instituições idôneas e altamente qualificadas corroborou as impressões anteriormente obtidas pela Fundação Christiano Rosa junto à IMBEL, da qualidade dessa reserva e do grau de preservação aí observados.

Serão necessárias, ainda, diversas visitas técnico-científicas a essa reserva para que consigamos atingir plenamente o objetivo do projeto em questão, mas a partida já foi dada e, com certeza, conseguiremos chegar ao final, com êxito.

Os resultados desse trabalho serão a melhoria da qualidade de vida de nossa cidade e a divulgação do nome de Piquete como base de um importante fragmento da Mata Atlântica.

Para projetos deste tipo o apoio popular é fundamental: de cidadãos com interesses preservacionistas, de alunos de escolas do município, de escoteiros e, principalmente, de proprietários de terras nas áreas envolvidas.

Aqueles que venham a avistar animais nas matas da cidade poderão informar à FCR, para que possamos identificar áreas de ocorrência e estimar o número de espécies e indivíduos.

Luiz Flávio Rodrigues

Carta de Caminhos

10 – A Feira de Sorocaba

No século XIX a Vila paulista de Sorocaba era o local onde o comércio das mulas e de animais de transporte se realizava. Segundo o historiador Afonso de Freitas Júnior, em “Campo Largo de Sorocaba estacionavam as tropas das feiras. Estendiam-se as vastíssimas planícies, ‘o campo largo’, por dezenas e dezenas de léguas, desde as fraldas do Araçoiaba até as encostas do São Francisco”. Santos-1998⁽¹⁾.

Aí chegavam, anualmente, para a feira tornada famosa e importante pelos negócios realizados, os negociantes e compradores desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Nessa oportunidade compravam-se e vendiam-se animais e os produtos necessários para sua utilização: arreios e outros apetrechos de couro, artefatos de ferro como as “chilenas”⁽²⁾ e outros tipos e modalidades de esporas. Afluíam, portanto, para a feira, todos os interesses e pessoas neles representadas.

A Vila de Sorocaba tornou-se importante centro de Tropeirismo e uma de suas referências obrigatórias desde a abertura do Caminho para o Sul. Os grandes nomes dos negócios caracterizaram especificações de atividades e endereços básicos para a efetivação de compras e contratação de trabalhos.

O pintor Hércules Florence registrou em telas a óleo os desenhos que realizou de aspectos da feira e das atividades correlatas. O Museu Paulista e a Pinacoteca do Estado exibem-nos.

Délio Freire dos Santos, pesquisador atento de nossa história, levantou preciosos dados sobre atividades do tropeirismo em trabalho publicado como suplemento do Boletim da Academia Paulista de História, com data de abril de 1998, em que são encontradas referências às Vilas de Sorocaba, de Castro, de Curitiba (São José dos Pinhais), de São Bento de Araraquara, de Faxina (atual Itapeva), de Jundiá, de São Carlos (atual Campinas) e Real de Pindamonhangaba.

Trabalhando com Mapas de População do Arquivo do Estado, arrolou nomes de fazendeiros, proprietários de fazendas de

criar, negociantes e executores dos produtos necessários aos movimentos das tropas.

Preocupou-se em demonstrar o significado dos nomes dados aos artesãos e oficiais ligados à produção dos artefatos de couro e metal necessários à tarefa do tropeirismo. Assim, por exemplo, o *puador*, o que fabricava a pua ou haste e roseta da espada; o *serigoteiro*, o que fabricava lombinhos, arreios para domar animais; o *soveleiro*, o que trabalhava com a sovela, um furador com cabo de madeira, de vários tamanhos; o *trançador*, artesão de couro cru, que se dedicava à confecção de laços, cabeçadas, rédeas, peitorais e chicotes. Nos estudos apresentados, Délio Freire dos Santos enfatiza a presença de destacados negociantes de animais como Antônio da Silva Prado, futuro primeiro Barão de Iguape, João da Silva Machado, mais tarde Barão de Antonina e o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

Assim, Antônio da Silva Prado foi um dos mais destacados vendedores de milhares de animais na feira de Sorocaba. Ele era o grande fornecedor dos animais que vinham do sul aos tropeiros do Rio de Janeiro, Vale do Paraíba e Minas Gerais.

João da Silva Machado, depois Barão de Antonina, foi sócio de Antônio da Silva Prado e freqüentou, por longos anos, a feira de Sorocaba. Possuía fazendas ao longo dos caminhos do sul, em área próxima a Castro, como a propriedade da Fazenda das Sete Voltas, em Dourados. O Barão descrevia seus conhecimentos e práticas em obras de história. Segundo pesquisas de Délio Freire dos Santos, ele foi fundador de colônias agrícolas e catequizador de índios.

O Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, outro ilustre tropeiro, foi proprietário da Fazenda Passa-Três (hoje distrito Brigadeiro Tobias). Os animais que procediam do Rio Grande do Sul eram negociados em Castro e Curitiba e, em seguida, levados para a feira de Sorocaba.

Grandes fazendeiros ligados ao comércio de animais e criação dos mesmos eram encontrados em Castro, Curitiba, Araraquara, Itapeva, Jundiá e Campinas.

Alguns dedicavam-se à lavoura, tropa e engenho. Em geral eram proprietários de destacado número de escravos. Em locais como a Freguesia de Belém (atual Itatiba) era comum os produtores rurais associarem as funções de lavrador, tropeiro e criadores de gado suíno e lanígero. Em Campinas, chamada anteriormente São Carlos, predominava o plantio de cana-de-açúcar em importantes engenhos, ao lado de fazenda de criar e de prósperos tropeiros. Normalmente eram citadas as posses de cabedais de numerosas bestas arreadas fornecedoras de rendimentos elevados.

A posse de terras e fazendas de criar não era privilégio de homens. Algumas mulheres aparecem como proprietárias destacadas. Assim, por exemplo, cita-se Dona Ana Luíza da Silva como a mais importante, filha de José Félix da Silva, um dos mais ricos fazendeiros da Província de São Paulo, segundo Saint-Hilaire⁽³⁾. Ela era possuidora, em 1830, na Fazenda Fortaleza, na Vila de Castro, de 2.050 cavalos, 2.000 vacas e 57 escravos. A fazenda citada ficava junto à Ponta Grossa.

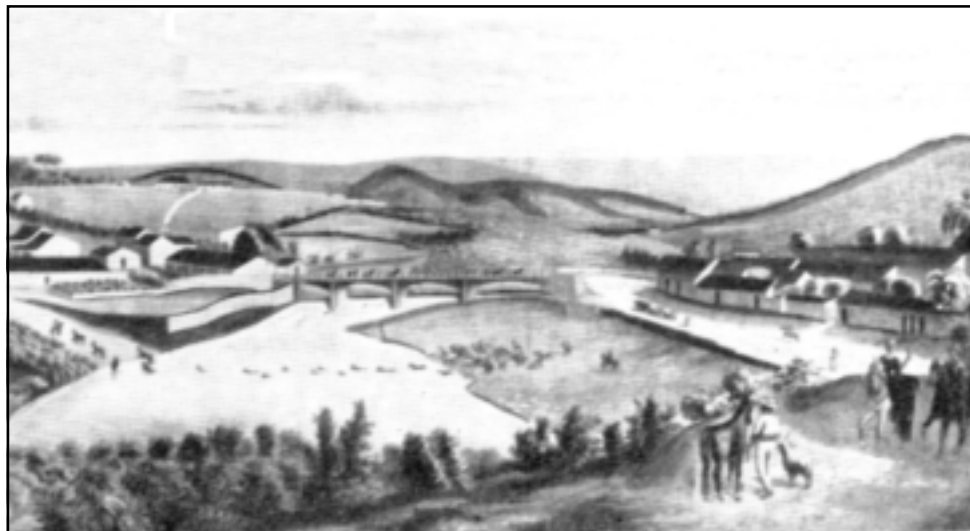
Para Daniel Pedro Müller, em Itapeva “a principal ocupação consistia na criação de animais capalares e vacuns”⁽⁴⁾.

Ao mesmo tempo, as atividades ligadas às tropas se especializavam. Eram os “camaradas de tropas”, oficiais de sapateiro, cangalheiros, seleiros e, principalmente, tropeiros. Havia os que se dedicavam não só a criar, mas também a alugar seus animais.

Os principais centros de controle e distribuição de animais originados dos campos do sul eram a Vila de Castro e a Vila de Curitiba, os chamados Campos Gerais. Assim, toda a área do sul do país estava dedicada às atividades de criar, transportar e fornecer gado e animais para tropas. Essas atividades garantiam elevados rendimentos e prestígio. A paisagem do Sul do Brasil foi fortemente marcada por essas atividades e seus quadros humano e econômico refletiam-nas de formas muito evidentes.

Dóli de Castro Ferreira

Ponte de Sorocaba – SP, em meados do século XIX. (Estampa reproduzida de Curiosidades Brasileiras, de F. L. d’Abreu Medeiros)



Notas: (1) SANTOS, Délio Freire dos, “O Tropeirismo Paulista”, In Suplemento do Boletim da Academia Paulista de História – abril-1998; (2) ESPORAS CHILENAS. Eram chamadas chilenas devido aos motivos florais que as ornamentavam. No Brasil Colônia, esporas como estas serviam de adorno e simbolizavam a condição dos proprietários. Pessoas pobres e escravos usavam, geralmente, apenas uma espada presa ao calcanhar descalço, por tira de couro. Dados de exposição de esporas em vitrine especial no Museu Paulista USP. (3) SAINT-HILAIRE, Auguste – “Viagem à Comarca de Curitiba”- Col. Brasiliana vol. 315, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1964, p. 80 –em citação de Délio Freire dos Santos – op. Citada. (4) MÜLLER, Daniel Pedro – “Ensaio d’um Quadro Estatístico da Província de São Paulo”- col. Paulística –vol. XI, p.66. O Marechal de Campo Daniel Pedro Müller, do Real Corpo de Engenheiros, prestou assinalados serviços a São Paulo – citação de Délio Freire dos Santos.

Semana Santa

Luto na igreja. Os santos estão cobertos com panos pretos ou roxos. O cheiro do incenso e das velas acesas fica mais ativo. Silêncio na nave. Respira-se a morte. Fisionomias sofridas, refletindo dor, contrição, suplicando compaixão. A menina fica assustada nesse ambiente tão sombrio. Um medo incontido lhe traz angústia e ansiedade. Padres redentoristas e passionistas (os que traziam escapulários – Meu Deus, que palavra mais antiga! Nunca mais ouvira o seu som.) preparavam os fiéis para vivenciar a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. O clima era de culpa, expiação e profunda tristeza. As matracas soavam ameaçadoras, afugentando os espíritos das trevas. As noites ficavam mais longas, mais suarentas, de pavor e arrependimento. Uma culpa ancestral pela morte de Jesus. Na calada da noite a menina pede perdão, chora muito e promete que nunca mais vai mentir, chorar à toa, ser respondona para os pais, pegar as moedinhas das mãos em cuia do Menino Jesus, onde, abaixo delas se lia o singelo “Deus lhe pague”. Ele ficava sentadinho no altar lateral da igreja matriz, à esquerda de quem entra. Coitado! Para que tanta gula? Tirar o dinheiro d’Ele e sair correndo para comprar, no Zé do Bar, a molenga maria-mole, os coloridos doces de abóbora, os suspiros, os de goma com duas cores e os de “borracha” (assim ela chamava o de mocotó). Afogueada pela corrida desabalada, pela pressa em comer tudo de uma vez, ia se refrescar chupando picolé lá na sorveteria do seu Armando, ouvindo aquela barulheira da máquina de gelar. Quanto remorso! E ela dana a se confessar, a pedir perdão, a rezar as penitências e depois, supremo alívio... a comungar. Tempo de sacrifícios, de jejum e abstinência, de reparação.

Chega o dia da cerimônia do “Lava-pés”. Aquele sacerdote tão distante, tão nobre, tão asséptico está ali lavando, um por um, o pé de cada coroinha ou congregado mariano, que representam os apóstolos. Após, cada

um recebe um pão e uma garrafinha de vinho, símbolos do corpo e sangue de Jesus. Que comovente exemplo de humildade! A via-sacra era extremamente dolorosa. A figura da Verônica, toda de preto, inclusive as meias e o véu negro lhe cobrindo o rosto, cantando no meio da noite, ficou registrada para sempre. Solitariamente, trepada num banquinho, ela mostrava a doce e sofrida face de Jesus. Que voz linda e pungente a da Beralda! O encontro com Maria, a procissão do enterro, a banda de Piquete tocando músicas fúnebres mortificavam a alma. E vinha o medo aterrador do caixão de defunto, d’Ele morto lá dentro... Ainda bem que logo chegava a Ressurreição. O Judas era malhado e queimado. O Domingo alvorecia com a banda tocando alegria e os sinos da igreja repicando intensa e demoradamente. Os santos eram despidos do luto e a missa era cantada com muito júbilo. A-leluia! A-leluia! A-le-luia!

Anos atrás, nos preparativos para a Semana Santa, uma vizinha estava se confessando. De repente, reboou pela igreja a voz colérica, pasma e indignada do Pe. João Baptista Seraphim: “... mas que pecado!!”. Os homens, do outro lado do confessional (de um lado ficavam as mulheres, do outro, eles), sentados em bancos compridos (não havia banco do lado feminino), pulavam como que movidos por uma mola, para espiar quem era a tão grande pecadora. Foi um horror! O pai da menina, muito curioso, foi logo assuntar: “Credo, olha que padre está acostumado a ouvir coisas escabrosas. Para ele se assustar daquele tanto é porque a coisa foi muito feia. Você não quer me contar o que andou fazendo?”. Ela, com um bico enorme replicou: “Sai pra lá, o senhor é muito sem graça!”

Durante muito tempo a meninada, quando a via passar, empostava a voz o mais grave que conseguia e bradava: “Que pecado!”

E ela era apenas uma adolescente....

Amélia Pascoal Campelo

Procissão: década de 60. Em primeiro plano, a Pia União das Filhas de Maria.



Foto arquivo Pro-Memória

Velha Praça da Bandeira...

... dos engraxates humoristas, dos bilhares do Zé Serafim, dos aperitivos do Lau’s Bar, dos incríveis ternos do Zequinha, dos sorvetes do Brasilino, dos cruzeiros do Banco Econômico, dos papos do Seu Marinho e D. Maria, dos artefatos da predial, dos sapatos bico fino do Zé turco, dos pães do Miguelzinho, dos pastéis do Chico, dos bailes do Comercial e das grandes noites dançantes dos ex-alunos, com o DJ Zé Fausto, que adquiria os vinhos, sucessos da época, onde fossem lançados.

O marco da velha Praça parecia um farol indicativo dos bons tempos, época em que éramos felizes e não sabíamos...

Edival da Silva Castro



Foto arquivo Pro-Memória

Praça da Bandeira. Foto da década de 1940.

Abertas Gavetas

Domingo de tédio, sombrio.
Chuva fina embaça a vidraça
Brumas de outono; quase frio.
Hoje decidi abrir gavetas.
Caos! Emaranhados sonhos aprisionados.
Pálidas fotografias carregadas de lembranças.
Folhas secas marcam páginas apagadas de um “Diário” adolescente:
– palavras eloqüentes de amor ardente.
Quanta ternura! Que loucura tanta!
Novenas, medalhas, postais, mensagens:
Boas Festas, Parabéns, Felicidades...
Um terço arrebatado, sem o crucificado.
Que pecado!
Escrevo simplesmente o que sinto e penso
Abrir gavetas – libertar meus sonhos.
Descobri que ao longo do caminho
sufoquei flores.
E, enquanto triste e sozinha
vou pensando,
minha alma vai se desfazendo em versos.
Desato laços de fitas desbotadas – Segredos?
– Velhas cartas... relíquias do passado.
E hoje, relendo aquelas frases loucas,
digo esquecida:
– Quem será que escreveu estas cartas?
e duvido.
E numa voz que o tempo escondeu,
O amor responde num sussurro:
– Fui eu!
Explode a escuridão da noite.
O domingo de tédio agonizou.
Quero ofertar rosas coloridas
No alvorecer impregnado de beleza e cor.
Abrir minhas gavetas – libertar a vida
Semear risos e alegrias onde houver dor.

Eunice Fernandes

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Ainda Vendedores Ambulantes

(Para meu amigo Wanderley Sardinha)

Publicada a crônica “Vendedores Ambulantes”, nº 26, do “ESTAFETA”, ouvi comentários e sugestões, visto ter omitido muitos vendedores que nas décadas de 30, 40 e 50 faziam parte da nossa paisagem social. A memória foi reavivada, e as personagens saindo do ostracismo, cheias de vida e matizadas de poesia.

Vendedores de rapaduras e talhadas passavam com frequência. Rapaduras com gosto e cheiro de cana, algumas de coloração esverdeada. Rapaduras de abóbora, com tons avermelhados. Talhadas com o ardume do gengibre. Alojadas em cestas de taquara, revestidas de palha de milho. No mês de junho, os “rapadureiros” multiplicavam-se: festa junina, para ter força e valor, e agradar aos santos padroeiros devia ser iluminada com fogueira e adocicada com melado da boa rapadura.

Garapa e mel eram vendidos em litros e garrafas arrolhados com sabugos de milho. Garapa muitas vezes da cor do musgo novo, um verde quase transparente, os frascos mergulhados em água, para se conservar o friinho da cana e se evitar fermentação. Mel puro, legítimo, para curar doenças. Costume as crianças comerem mel com farinha. Comiam-no em tigelinhas de louça. Quem comesse bastante mel não ficaria fraco dos pulmões, não teria rouquidão.

À chegada do trenzinho dos operários, meninos compareciam à Estação Rodrigues Alves a oferecer pastéis e bolinhos de fubá recheados de carne moída. Adentravam as “classes”, as cestas cobertas de panos brancos, de saco alvejado, um bordadinho aqui outro acolá, muita higiene e bom gosto: o bom tempero devia ter o asseio como companheiro inseparável. Famosos os “bolinheiros” de Dona Maria Sardinha. Quem chegasse um pouquinho atrasado encontraria as cestas vazias e ficaria na saudade.

Garotos circulavam por nossas ruas, com tabuleiros abarrotados de doces. Doces simples e caipiras: pés-de-moleque, cocadas brancas e queimadinhos. Queimadinhos feitas com mamão verde ralado misturado com rapadura. Sem se saber, comia-se gato por lebre. Ficava-se satisfeito, e a doceira, com pouca despesa e um lucro

rechonchudo. Doces sofisticados só passaram a ser feitos por Dona Hermínia Cerizza Santos, prestimosa quituteira. Doces mais caros, que exigiam esmero e paciência: olho de sogra, quindim, cajuzinho, pastel de nata... Entrevistos em tabuleiros de madeira com tampas de vidro pareciam flores coloridas. Dava gosto admirá-los. Muitas crianças, de bolsos vazios, apenas os contemplavam, água na boca, os olhos neles cravados como setas.

Vez ou outra, comprava-se, à porta, chouriço doce ou salgado, feito de sangue de porco. Pendurado no fumeiro do fogão a lenha, lá deviam permanecer por muitos dias, a receber calor, para ficar bem curtido. Frito em rodela, dispensava outras misturas no almoço ou no jantar.

Não apenas o de se comer e o de se beber eram levados de casa em casa. Lembro-me de um senhor alto, magro, que se fazia acompanhar de um rapazola. Aquele com compridas vassouras de capim, para vasculhar forros e beirais. O rapazola, com espanadores de penas de peru, parecia uma ave exótica e lendária. Tudo era festa para os nossos olhos.

Cestas e balaies de taquara também eram mercadorias de alta estima. Pilões de madeira, toscos, alguns mal talhados, eram trazidos nos ombros, com dificuldade, por caminhos roceiros. Comprados, acompanhavam as famílias pela vida a fora, num canto da cozinha ou da despensa, de onde saíam para a paçoca da Semana Santa ou de vez em quando para a paçoca de carne desfiada com farinha de mandioca.

Tachos de cobre eram especialidade de ciganos que volta e meia nos visitavam. Difícil uma casa que não tivesse pelo menos um tacho, bem areado, reluzente que nem espelho. Enquanto os ciganos conversavam com nossos pais, nós os olhávamos a distância, receosos: corria a história de que eles costumavam roubar crianças para fazer sabão. Gostávamos mesmo era das suas roupas coloridas, da sua vida andeja crivada de aventuras, sempre alojados em barracas na entrada da cidade.

Era um tempo de simplicidade. Era um tempo de muita paz...

Crônicas Pitorescas

“O HOME”

Palmyro Masiero

O Sr. Antônio de Assis, fluminense de Campo Belo, veio jovem para Piquete. Por um tempo, trabalhou como manipulador na farmácia do “seu” Modesto, até abrir sua própria botica, a São Miguel. Elemento atuante na sociedade e política cidadina, terminou por ser nomeado pelo Secretário de Segurança Pública do Estado, no dia 20 de agosto de 1940, Delegado de Polícia local.

O Antônio de Assis policiava somente fora dos limites da área pertencente ao Ministério da Guerra. Prendia “bebuns” até o final do porre, separava briga de rua, amainava brigas de casais e mantinha, sob rigorosa vigilância, a moral vigente, como, por exemplo, não permitir namoro no escurinho. Talvez ele não soubesse – o que é difícil – das reuniões secretas da A.I.B. que aconteciam em Piquete e que eram totalmente proibidas.

Vamos fazer picadinho disso. Vivíamos sob a ditadura de Getúlio Vargas. E olhe que a democracia havia comprado passagem no trem chamado Brasil, em 1934, só que o GG não a deixou embarcar. A.A.I.B. (Ação Integralista Brasileira), transformada em partido em 1933, criada por Plínio Salgado, em 1937 auxiliou Getúlio Vargas a implantar o Estado Novo, ao elaborar o mentiroso “Plano Cohen”. Mas, a 2 de dezembro de 1937, o ditador dissolveu todos os partidos, inclusive a A.I.B. Inconformado, em 11 de maio de 1938, eclodiu a Intentona Integralista. Sufocada, Plínio foi preso na Fortaleza de Santa Cruz e, depois, exilado em Portugal. Mesmo na clandestinidade, o ideal dos “camisas verdes” (como eram chamados) permaneceu e seus adeptos reuniam-se às escondidas, conluindo contra o caudilho Vargas. Pejorativamente, os do contra chamavam os integralistas de “galinhas verdes”.

Voltando à base. O Antônio de Assis provavelmente vivia entre a cruz e a espada. Nessas reuniões secretas, além de pessoas de peso na cidade, de mestres da Fábrica, também participavam diversos oficiais militares. Que fazer? Olhar para cima e assobiar.

Eis que, sem qualquer aviso prévio, o Antônio de Assis é substituído por um Delegado de Carreira, nomeado dia 20 de setembro de 1941 pelo Secretário de Segurança, com a alegação de que nossa delegacia subira de classe. Dia 10 de outubro desse ano, no salão nobre da Câmara, o Sr. Braz Pereira de Olivas efetuou “uma reunião para manifestar boas vindas a S.S. e pôr a ilustre autoridade policial em contato e conhecimento com as autoridades locais e pessoas gradas de nossa cidade”.

Só que “o home” veio diretamente da Delegacia de Ordem Política e Social, o famigerado DOPS, de antiga e recente péssima lembrança. Na cidade, o “dedurismo” correu solto e, além de alguns oficiais militares detidos, muitos militantes civis, da Fábrica ou não, que eram “galinhas verdes”, tiveram que se transformar em periquitos e voar para longe da cidade por um bom tempo.

“Todos os dias deveríamos ler um bom poema, ouvir uma linda canção, contemplar um belo quadro e dizer algumas bonitas palavras.”

Goethe (1749 - 1832) filósofo alemão

O Dia em que o Rio Sertão morreu

O Cel. Pederneiras queria ver inaugurada a Fábrica de Pólvora sem Fumaça, no dia 24 de maio de 1909, mas o evento acabou acontecendo a 15 de março. Aquela data, aniversário da batalha de Tuiuti, lhe era muito cara, pois foi aquele combate que proporcionou a vinda, para tratamento de saúde, na Corte, do seu querido pai, há mais de um ano no Paraguai. Desta forma, programou para o dia 24 de maio, junto às comemorações da guerra, um grande acontecimento: o início das atividades da Fábrica, a toda força.

Dia 24 de maio de 1909.

Meu avô Francisco e meu tio Antônio saíram de casa, na fazenda do Embauzinho, ainda de madrugada. Vinham a cavalo, traziam duas mulas de carga, conduzindo bandas de toucinho para entregar em Piquete, no armazém do Sr. José Vieira. Pouca importância deram ao grande movimento de pessoas diante do prédio da administração da Fábrica.

Na casa dos Leal, o pequenino Antônio amanhecera bastante endefluxado. Seus pais, Carlos e Dona Mariquinha, agasalharam-no bem e o levaram ao farmacêutico, que receitou um suadouro e um chá de aspirina com folha nova de laranjeira.

Dois amigos inseparáveis, o José dos Santos e o Pedro Adão, companheiros na construção da ferrovia Lorena-Piquete, combinaram, naquele dia, providenciar documentos que a Fábrica estava exigindo. Bem cedo estavam aguardando na secretaria.

Nossa terra comemorou com brilhantismo aquela importante data.

O coronel Pederneiras reuniu, diante de seu gabinete, todos os funcionários, civis e militares, transmitindo-lhes sua mensagem, na qual enalteceu o feito dos nossos bravos, no Paraguai, e lembrou a importância do momento, ora vivido, de muito trabalho e dedicação.

No quartel houve alvorada festiva com desfile da tropa e no Grupo Escolar, formatura, hasteamento da Bandeira Nacional e palavras do diretor alusivas à efeméride.

Junto ao portão da Limeira, desde cedo, o menino Pedro Eleodoro pescava lambaris. De repente, a água tornou-se turva, com forte odor acre-doce e começaram a aparecer peixes mortos. O garoto saiu correndo pela estrada nova, gritando:

– Os peixes estão morrendo! Os peixes estão morrendo!

Muitas pessoas abandonaram suas casas e saíram em direção ao rio Sertão.

Meu avô, meu tio, Carlos Leal, Dona Mariquinha, José dos Santos, Pedro Adão e outras pessoas, que se encontravam próximas à usina hidrelétrica, tomaram o caminho do rio para ver o que estava

acontecendo. O que presenciaram foi um espetáculo triste.

Toda a fauna aquática, naquele trecho do rio, estava morrendo. Peixes mortos e agonizantes desciam, arrastados pela água, enquanto que junto à saída dos geradores, outros, ainda vivos, tentavam subir a corrente, em busca de oxigênio, mas desistiam, vencidos por sua força.

Surgiu um oficial da Fábrica, a cavalo. Era o tenente Velasco, que procurou acalmar as pessoas dizendo:

– Não se preocupem, esta morte de peixes só está acontecendo no médio e baixo rio Sertão, no alto rio toda a fauna está preservada. Na foz, os peixes já migraram para o rio Benfica e grande parte está buscando os afluentes. Basta que, durante alguns dias, não se lancem poluentes no rio para que ele se recupere, imediatamente.

Este fato acalmou os presentes, gente simples, incapazes de entender a gravidade daquele acontecimento.

Muitos acreditavam que as águas do rio Benfica iriam, após a foz do rio Sertão, diluir os rejeitos nele lançados. Tal fato, infelizmente, não se deu e a poluição prosseguiu até alcançar a desembocadura do rio Itabaquara.

Um sério problema surgiu na passagem do rio Piquete sobre a estrada que vai para Lorena, tradicional lugar onde as tropas e boiadas paravam para matar a sede. Agora, teriam que se saciar nos rios Benfica ou Ronco e passar troteando por aquele local, para que nenhum animal bebesse água contaminada.

Inúmeras pastagens e poteiros situados às margens do rio tiveram que ser cercados e o cultivo de hortas, abandonado.

Neste ano, a poluição do rio Sertão completa noventa anos, apesar dos esforços da Fábrica Presidente Vargas em tentar extingui-la. Não é tarefa fácil, mas é um desafio a ser perseguido. Ninguém ignora que a existência da área fabril, junto ao rio, dificultou a construção de lagoas de decantação e outros mecanismos anti-poluidores. É necessário reconhecer que o aumento do volume d'água da bacia sertanista se deve ao reflorestamento da Mata Atlântica nela existente. Agora, urge partir, com criatividade para a despoluição do rio.

Em 1902, quando Custódio Vieira perguntou ao Marechal Mallet o que nós, piquetenses, poderíamos oferecer-lhe, este respondeu:

– Água de boa qualidade.

Então, Custódio Vieira replicou:

– Isto Piquete tem, e de sobra.

Reverenciemos, hoje, a memória deste cidadão e cuidemos melhor de nossa água, pois ela é, para nós, uma dádiva de Deus.

Wanderley Gomes Sardinha

História de Índios

Dia 19 deste mês comemoramos o “Dia do Índio”. Essa data provocou-me a lembrança de uma entrevista, de quase três horas, que fiz com um dos mais respeitáveis indigenistas e sertanistas brasileiro, reconhecido em todo o mundo, Orlando Villas Boas, para um diário joseense, com a finalidade de obter suas opiniões sobre os diversos temas a serem discutidos na ECO 92, que se realizaria pouco depois. Na casa de Orlando encontrei-me também com seu irmão Cláudio; trabalhavam os originais de seus diários que recentemente foram lançados em livro intitulado “A Marcha para o Oeste”. Antes do Cláudio retirar-se, o Orlando brincou: “Eu e o Cláudio desmoralizamos a malária. Eu peguei umas duzentas e ele, umas trezentas”.

Como o assunto tratado era especificamente dirigido para a ECO, transcrever a reportagem agora perde um pouco o sentido. Vamos nos ater apenas a dois casos, entre tantos, sobre o “modus vivendi” dos índios, sua inteligência e lógica. Deixemos que o Orlando nos conte:

I- “Certa vez um sujeito chegou lá no meu posto e disse:

– Villas Boas, eu queria conhecer uma aldeia.

– Pois não – prontifiquei-me.

Levei-o a uma aldeia próxima. Ele chegou e foi recebido por três índios. Expôs a eles o que queria ver: como faziam redes, como se preparava o biju, como era a disposição das redes dentro da maloca, etc.

Os índios mostraram tudo que ele queria ver, com a maior delicadeza. Depois de satisfeita sua curiosidade, na hora da despedida ele constatou que não havia levado nada para retribuir tanta gentileza dos indígenas. Ao enfiar a mão no bolso, encontrou um sabonete.

Sem alternativa, repartiu o sabonete em três partes iguais e deu um pedacinho para cada um. Os três índios agradeceram.

– Eu gostaria de levar uma flecha como recordação – disse.

– Tá bem... – respondeu um silvícola.

Foi lá, apanhou a flecha mais bonita, apurou-a e, chegando perto do visitante, quebrou um pedaço dela e deu-lhe.

– Mas por que você fez isso? – perguntei-lhe.

E veio a resposta:

– Ele me deu um pedaço de sabonete e eu dei um pedaço de flecha”.

II- “Nós tínhamos uma estação de rádio que falava com São Paulo, ou melhor, que pretendia falar com São Paulo. A gente ligava o rádio e começava:

– Alô São Paulo... Xingu chamando São Paulo... Xingu chamando...

Mas só se ouviam, em resposta, chiados e captação de estações estrangeiras, numa linguagem totalmente incompreensível. Não se conseguia falar com São Paulo. Diante dessa falha técnica e perante uns dez ou doze meninos índios que se ajuntavam na estação de rádio, eu justificava:

– Isso aqui nós não estamos entendendo nada porque está com muita interferência.

Um dia, chegou lá um avião muito grande, um Douglas, e desceu muita gente. Entre ela avistei um sujeito com uma mala enorme nas costas. Chamei um indiozinho e falei-lhe:

– Vai lá e chama aquele moço pra falar comigo.

Ele foi. A pessoa em questão era um americano. O menino retornou sozinho. Interpelei-o:

– Por que o homem não veio com você?

– Eu falei, falei... – respondeu o garoto. –

Mas não entendi nada, porque ele falava com muita interferência”. José Palmyro Masiero

“... a terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra...”

(...) O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo.”

Trecho do manifesto, feito em 1855, do chefe Seattle ao Presidente dos E.U.A.

“Flashes” da Inauguração da Sede da FCR



A Presidente da FCR, arquiteta Ana Maria de Gouvêa, discursando na inauguração da sede da Fundação Christiano Rosa.

A Exposição “FPV - 90 Anos de História”, com a qual a FCR inaugurou o Espaço Cultural “Célia AP. Rosa”, foi coroada de êxito. Durante sua abertura, e na semana que se seguiu, foi grande o público interessado em conhecer as imagens ali expostas. Funcionários, ex-operários, e principalmente estudantes fizeram

verdadeira viagem no tempo. Através de nove décadas, ali retratadas, lembraram amigos, parentes e fatos ocorridos nessa Indústria Bélica.

Fazendo parte do cotidiano de Piquete, a Fábrica foi e continua sendo a alma de nossa cidade. Todos, em maior ou menor grau, tiveram suas vidas vinculadas a ela.



Descerramento da placa inaugural do “Espaço Cultural Célia Ap. Rosa”, pelo Cel. Jorge da Rocha Santos.



Membros da FCR: Chico Máximo, João Ferreira, Tininha, Antônio Carlos, Luiz Flávio, Kiko, Paulo Noia, Cléa, Teca, Taninha, Miriam.

Notas da Cidade

□ Dia 23-04 comemorou-se o “Dia Internacional dos Escoteiros”. O Grupo Escoteiro Puris, de Piquete, que comemorou 18 anos no dia 26-04, recebeu, nos dias 24 e 25 de abril, grupos de todo o Vale do Paraíba, para um “Rali Escoteiro”. Foram formadas várias patrulhas, com componentes de todos os grupos, as quais competiram entre si, promovendo um intercâmbio entre as diversas cidades e desenvolvendo o espírito de companheirismo. Parabéns à chefe de nosso grupo piquetense, D. Maria Alice Ramos, pelo trabalho desenvolvido junto aos jovens de nossa cidade.

□ Circulou, no início do mês de abril, o primeiro número do ECOMTUR, informativo do Conselho Municipal de Turismo. Desejamos que esse veículo de divulgação do turismo em Piquete tenha êxito em seus objetivos.

□ Durante a Semana Santa, no Oratório São Domingos Sávio, ocorreu a encenação da Via Sacra: Paixão e Morte de Jesus Cristo, encenado por mais de 60 jovens. Foram momentos de grande beleza cênica que nos levaram a reflexões. Parabéns aos organizadores.

Convite

Os artistas de Piquete estão convidados a participar do 1º Salão de Artes do CRE/IMBEL, a realizar-se no período de 10 a 14 de junho de 1999, no Salão de Festas do Clube, abordando técnicas de aquarela, pastel, porcelana e escultura.

Os temas são de livre escolha dos artistas.

Trabalhos abordando aspectos de Piquete terão premiação especial.

Todos os participantes receberão diplomas e os melhores receberão medalhas.

As inscrições estarão abertas de 15 a 30 de maio, no Clube Recreativo Estrela e no Cine Teatro Estrela do Norte. Os trabalhos deverão ser entregues até 6 de junho.

A taxa de inscrição será de R\$ 10,00.

O Futuro do Real

No início da segunda semana de março, participei de um debate na Fundação Getúlio Vargas (FGV), quando se discutiram os erros, os acertos e as perspectivas do Real. Figuravam como debatedores quatro professores daquela conceituadíssima instituição de ensino, excelência em cursos de administração e de economia, a saber: Prof. Marcos Fernandes, Prof. Lousado, o também Deputado Federal pelo PL, Prof. Marcos Cintra e o Prof. Guido Martega, guru econômico do eterno candidato à Presidência, Lula. Como pude observar, economistas de uma mesma escola apresentaram visões não plenamente antagônicas, mas diferentes em muitos aspectos, sobre o Plano Real. No geral, todos os quatro professores foram unânimes em afirmar que o Plano Real foi elaborado de forma inteligente, derrubou a inflação a patamares próximo de zero e deu ao brasileiro o gostinho de viver um período de relativa estabilidade econômica. Entretanto, era um Plano que deveria ter sofrido correções ao longo de sua trajetória, com vistas a assegurar a continuidade desta estabilidade. Muitas foram as razões citadas para explicar a não correção de rota, mas, fundamentalmente, a ausência das reformas constitucionais (previstas desde o início do Plano) e o interesse político de se reeleger FHC constituíram-se nas duas mais significativas.

Todos os debatedores foram unânimes em afirmar que saídas para contornar a difícil situação econômica e financeira do país existem, mas não serão fáceis, e que será preciso amargar um período de recessão, de desemprego, ao lado de cortes nos orçamentos públicos e de altas taxas de juros. Em função desse quadro, os quatro ilustres professores não acreditam que nós, brasileiros, venhamos a conviver de novo com altos índices de inflação. Isso porque houve um amadurecimento da sociedade e existe a real dificuldade da indústria e do comércio de manter aguerridas suas vendas, face à forte compressão dos salários. Iremos ter, em 1999, uma taxa de inflação próxima de 17% e, possivelmente, em função da ameaça de desemprego, os salários, regra geral, não serão corrigidos. O modelo econômico, com a desvalorização do Real frente ao dólar, já foi alterado, restando, agora, a implementação das reformas constitucionais, os ajustes das contas públicas e, consequentemente, a queda da taxa de juros.

Com isso, nosso Brasil poderá retomar seu crescimento e gerar esperanças positivas e animadoras para seu povo.

Finalizando, após o debate fiz a opção de acreditar na tese defendida pelo professor e deputado Marcos Cintra, para a retomada do desenvolvimento: o tamanho gigantesco do nosso mercado, onde existem muitas atividades a ser exploradas na agricultura e na pecuária.

Ao longo de nossa história, vencemos diversas crises e, certamente, nosso bravo e esperançoso povo vencerá mais essa, uma vez que, acima das políticas econômicas e dos políticos, está o desejo natural do brasileiro de ser Vencedor.

Celso Colombo